



Violência contra pessoas lésbicas, gays, bissexuais ou transgêneros

Atos de violência homofóbica e transfóbica têm sido relatados em todas as regiões do planeta. Vão da intimidação psicológica até a agressão física, tortura, sequestros e assassinatos seletivos. A violência sexual também tem sido amplamente divulgada, inclusive a chamada violência “corretiva” ou estupro “punitivo”, no qual homens estupram mulheres que assumiram ser lésbicas, sob o pretexto de tentar “curar” suas vítimas da homossexualidade.

A violência acontece em diversos lugares: na rua, parques, escolas, locais de trabalho, casas, prisões e delegacias de polícia. Ela pode ser espontânea ou organizada, perpetrada por indivíduos ou grupos extremistas. Uma característica comum dos crimes de ódio anti-LGBT é sua brutalidade: vítimas de assassinato, por exemplo, são frequentemente encontradas mutiladas, severamente queimadas, castradas e mostrando sinais de agressão sexual. Transgêneros, especialmente aqueles que estão envolvidos no trabalho sexual ou presos, enfrentam um alto risco de violência extremamente cruel e mortal.

Tortura e maus-tratos contra lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e pessoas intersexuais também têm sido extensivamente documentados. Muitas vezes, a tortura ocorre em locais de detenção, onde as pessoas LGBT podem ser vitimadas por policiais, guardas ou por seus próprios pares, enquanto agentes do Estado fazem vista grossa. Algumas formas de tratamento médico involuntário também podem ser consideradas tortura, inclusive a realização de exames anais em homens gays para “provar” sua homossexualidade, a esterilização indesejada de pessoas transexuais e a terapia de choques elétricos destinada a “mudar” a orientação sexual.

Violência com base no gênero

Ataques a pessoas por causa de sua orientação sexual ou identidade de gênero são muitas vezes impulsionados por um desejo de punir aqueles vistos como desafiantes das normas de gênero e são considerados uma forma de violência de gênero. Você não precisa ser lésbica, gay, bissexual, transgênero ou intersexual para ser atacado: a mera percepção de homossexualidade ou de identidade transgênero é suficiente para colocar as pessoas em risco.

Dados

Os dados oficiais sobre violência homofóbica e transfóbica são escassos e irregulares. Relativamente poucos países têm sistemas adequados para monitoramento, registro e notificação de ódio homofóbico e crimes transexuais. Mesmo onde existem tais sistemas, as vítimas podem não confiar na polícia o suficiente para se expor, e os próprios policiais podem não ter sensibilidade suficiente para reconhecer e adequadamente registrar o motivo. No entanto, reunindo tudo o que está disponível nas estatísticas nacionais e completando-as com relatórios de outras fontes, um padrão claro emerge – de violência brutal, generalizada e muitas vezes impune.

Responsabilidade do Estado

Os Estados são obrigados pelo direito internacional a proteger os direitos das pessoas LGBT à vida, à segurança pessoal e à liberdade contra a tortura e os maus-tratos. Os Estados têm a responsabilidade de tomar medidas para impedir crimes motivados pelo ódio, ataques violentos e tortura, investigar tais crimes com rapidez e levar os responsáveis à justiça.

Medidas a serem adotadas

Países:

- » Investigar, processar e punir os autores responsáveis por assassinatos seletivos.
- » Promulgar leis sobre crimes de ódio que visem a dissuadir a violência com base na orientação sexual e identidade de gênero.
- » Estabelecer sistemas de registro e comunicação da violência motivada pelo ódio.
- » Treinar oficiais de justiça, funcionários de prisões, juízes e outros profissionais do setor de segurança, sobre esta questão.
- » Desenvolver campanhas de educação e informação pública para combater atitudes homofóbicas e transfóbicas e promover os valores da diversidade e do respeito mútuo.

Você, seus amigos e outras pessoas também podem fazer a diferença:

- » Certifique-se de que você e aqueles que o rodeiam tenham tolerância zero com qualquer forma de violência homofóbica ou transfóbica, incluindo abuso verbal agressivo e ameaçador.
- » Denunciar este tipo de violência, mesmo quando não seja dirigida diretamente a você.
- » Se você, seus amigos ou membros de sua família foram vítimas de violência motivada pelo ódio, alerte os procedimentos especiais de direitos humanos da ONU enviando um email para urgent-action@ohchr.org.

Exemplos de incidentes violentos que foram enviados ao Escritório da ONU para os Direitos Humanos

Seth Walsh tinha 13 anos quando entrou no jardim da casa de sua família em Tehachapi, Califórnia (EUA), e se enforcou. Antes de tomar a trágica decisão de acabar com sua vida, ele tinha suportado anos de insultos homofóbicos e abusos de seus colegas na escola e em seu bairro. O caso de Seth não é isolado: no mesmo mês em que ele morreu, pelo menos outros cinco adolescentes nos Estados Unidos também cometeram suicídio depois de sofrer nas mãos de valentões homofóbicos.

Daniel Zamudio, um homossexual de 24 anos, morreu em consequência de ferimentos graves sofridos durante um ataque de um grupo de supostos neonazistas em um parque de Santiago, no Chile. Ele foi torturado durante várias horas por seus agressores, que apagaram cigarros nele e esculpiram suásticas em seu corpo. Quatro suspeitos foram detidos e acusados do assassinato de Daniel. Alguns dos detidos tinha ficha criminosa, com ataques anteriores contra gays. O promotor de justiça disse acreditar que os ataques foram claramente motivados por homofobia. Novas leis sobre crimes de ódio homofóbicos e discriminação foram adotados após o ataque, que gerou clamor público e provocou um debate nacional sobre homofobia.

Sunita (não é seu nome real), uma mulher transgênero (meti), foi presa pela polícia em Katmandu (Nepal), levada para uma delegacia de polícia local, abusada verbalmente e mandada se despir. Quando ela se recusou, os policiais presentes tiraram suas roupas à força, tocaram seus genitais enquanto zombavam dela e ameaçaram cortar seu cabelo como punição por usar roupas femininas. Ela foi liberada no dia seguinte. Incidentes semelhantes envolvendo assédio policial às metis são regularmente comunicados e muitas vezes envolvem espancamento físico e abuso verbal.

A ativista sul-africana de direitos LGBT **Noxolo Nogwaza** tinha 24 anos quando foi estuprada e assassinada em Kwathema, município vizinho a Joanesburgo, na África do Sul. Seu rosto e cabeça foram desfigurados por apedrejamento e ela foi cortada várias vezes com pedaços de vidro quebrado. Acredita-se que o ataque contra ela começou depois que seus agressores fizeram uma proposta para que ela namorasse eles. As pessoas que estavam perto da cena do assassinato relataram ouvir homens gritando "tiraremos a lésbica de dentro de você", por volta da hora do ataque. Mais de 2 mil pessoas compareceram ao funeral de Noxolo, muitos denunciando a violência homofóbica e pedindo o fim da prática do chamado estupro "punitivo" ou "corretivo" de lésbicas.

Em Nairóbi, no Quênia, a ativista dos direitos das lésbicas, **Pouline Kimani**, apareceu em um programa de televisão que abordou a questão da homossexualidade. Nas semanas seguintes, ela foi verbalmente abusada repetidamente na rua e em outros locais públicos, perseguida e ameaçada de estupro por um grupo de homens. Ela também recebeu ameaças de morte por escrito, deixadas em um envelope fora de sua casa.

Em Comayagüela, Honduras, **Lorenza Alexis Alvarado Hernández**, uma mulher transexual de 23 anos, foi encontrada morta em uma vala, seu corpo visivelmente espancado e queimado. Pedras cheias de sangue perto de seu cadáver indicam que as contusões em seu corpo foram causados por apedrejamento. Seu corpo tinha sido incendiado. Preservativos usados também indicam que ela também pode ter sido estuprada. Ferimentos graves em seu rosto deixaram seu cadáver praticamente irreconhecível.

Reação violenta contra a igualdade?

Em vários países, as autoridades notaram um aumento dramático na violência homofóbica e transfóbica logo após a aprovação de avanços legislativos destinados a proteger melhor os direitos das pessoas LGBT. É um fenômeno com paralelos históricos: tentativas de erradicar a segregação racial e a discriminação provocaram reações semelhantes contra membros de minorias raciais. É responsabilidade dos governos não apenas enfrentar a discriminação, mas também explicar ao público em geral porque é necessário agir, e ter certeza de que medidas adequadas estejam em vigor para prevenir e responder rápida e efetivamente contra a violência quando ela acontecer.